

# LINHA DIRETA

Nº 11 - JANEIRO - 2013

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | PRESIDÊNCIA | FIOCRUZ



Babel de sotaques  
retrata a diversidade  
cultural na Fiocruz

PÁG. 7



## Planejamento autoriza convocação de excedentes do último concurso

O Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) autorizou no dia 3 de janeiro a nomeação de duzentos candidatos aprovados e não convocados do concurso de 2010 para cargos integrantes do Plano de Carreiras e de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública da Fiocruz.

Em novembro, o MPOG já tinha autorizado a convocação de 131 candidatos. A liberação para nomeação das últimas vagas do concurso e dos excedentes é resultado de esforços da Presidência e da Diretoria de Recursos Humanos (Direh), que vinham negociando a autorização junto ao Ministério. Com isso, a Fundação terá dado posse, a mais de mil novos servidores provenientes do último concurso.

## Fiocruz conquista pontuação máxima na avaliação de desempenho institucional

A Fiocruz e cada uma de suas unidades alcançaram a pontuação máxima da avaliação de desempenho institucional no ciclo 2011/2012, assegurando os 80 pontos possíveis para todos os servidores da Fundação. O resultado representa um avanço em relação à última medição, quando a Fiocruz conquistou 78 pontos.

Sob responsabilidade da Diretoria de Planejamento (Diplan), a avaliação institucional utilizou pela primeira vez o formato que consiste na análise global e intermediária. Enquanto a primeira refere-se ao desempenho de toda a Fiocruz e vale até 50 pontos, a segunda é feita sobre cada unidade e equivale a outros 30.

A metodologia adotada pela Diplan para apuração dos resultados institucionais calcula as pontuações com base em índices de cumprimento das metas pactuadas, que são classificados em três faixas: alcance reduzido (abaixo de 50%), parcial (entre 51 e 84%) e pleno (acima de 85%), no qual a Fiocruz e todas as suas unidades foram enquadradas, garantindo a pontuação institucional máxima. Conduzida pela Diretoria de Recursos Humanos (Direh), a avaliação individual completou o processo e valeu outros 20 pontos. O fim do ciclo já gerou efeitos financeiros para os servidores nos meses de novembro e dezembro.

## Dirad e Dirac participam da V edição do Fomenta Nacional

Nos dias 20 e 21 de novembro aconteceu, em Belo Horizonte (MG), a V edição do Fomenta Nacional – Encontro de Oportunidades para Micro e Pequenas Empresas nas Compras Governamentais. O evento teve o objetivo de estimular uma aproximação entre os setores público e privado para ampliar o mercado das micro e pequenas empresas nas contratações públicas.

Trabalhadores da Diretoria de Administração (Dirad) e da Diretoria de Administração do Campus (Dirac) participaram do encontro apresentando a Fiocruz e prestando informações quanto às contratações da Fundação com as micro e pequenas empresas nos últimos anos, além de esclarecimentos sobre compras governamentais.

“Temos orgulho em ter participado de todas as edições e aproveitamos para reiterar nossa disposição e parceria em colaborar com o Ministério do Planejamento e o Sebrae sempre que necessário”, afirmou o chefe do Departamento de Operações Comerciais da Dirad, Jorge Pessanha.

## Pedalando pela Saúde ganha novas bicicletas



A Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) adquiriu 25 novas bicicletas para uso dentro do *Campus* de Manguinhos, disponíveis nos dois bicicletários: um em frente ao prédio da unidade e outro no Centro de Recepção do Museu da Vida. Qualquer pessoa com um crachá funcional da Fiocruz, seja aluno, servidor ou funcionário terceirizado, pode pegar uma bicicleta emprestada. Basta apresentá-lo, fornecer um telefone de contato e sua assinatura no momento em que pega e devolve a bicicleta. O serviço está disponível de segunda a sexta-feira, de 7h30 às 17h. A iniciativa conta com o apoio da Diretoria de Administração do Campus da Fiocruz (Dirac) e da Casa de Oswaldo Cruz (COC). Clique [aqui](#) e conheça o Projeto Pedalando pela Saúde

COMUNICAÇÃO INTERNA DA FIOCRUZ | JORNAL LINHA DIRETA Nº 10 - OUTUBRO/2012

Coordenadoria de Comunicação Social (CCS)

Coordenação - Wagner de Oliveira | Edição - Claudia Lima e Wagner de Oliveira

Redação e reportagem - Carla Procópio, Daniela Savaget, Eduardo Müller, Glauber Queiroz, Gustavo Carvalho, Leonardo Azevedo, Suely Amarante e Talita Barroco

Revisão - Claudia Lima

Projeto gráfico e edição de arte - Rodrigo Carvalho

Fotografia - André Az, Felipe Gomes, Henrique Eldinias, Magdalena Oliveira, Peter Illiciev e Acervo IFF

Sugestões de matéria: [ccs@fiocruz.br](mailto:ccs@fiocruz.br)

# Lei de Acesso à Informação completa seis meses

Por Daniela Savaget

**A** Lei de Acesso à Informação Pública (12.527/2011) completou, no dia 16 de novembro, seis meses de vigência. O uso da nova legislação, que tem como objetivo ampliar a participação da sociedade e fortalecer os instrumentos de controle da gestão pública, ainda é tímido. Mesmo assim, a Fiocruz recebeu nos primeiros 30 dias de funcionamento do Serviço de Informação ao Cidadão (SIC), criado pela lei, 79 mensagens – o que corresponde a 37% do total de solicitações encaminhadas pelo Ministério da Saúde.

Todas as instituições públicas têm que disponibilizar pela internet, além das informações classificadas como transparência ativa, um *link* que permite ao internauta aces-

sar o Sistema Eletrônico do SIC (e-SIC). A orientação segue um princípio: a transparência é norma e o sigilo, exceção. Na Fiocruz, o cidadão tam-

bém pode requerer uma informação na Ouvidoria, no *Campus* de Manguinhos. As solicitações encaminhadas pelo e-SIC e pessoalmente são chamadas de transparência passiva.

As demandas relativas à Fiocruz nestes seis meses se traduziram, essencialmente, em questões sobre concursos públicos. “Candidatos aprovados que ainda não foram chamados, candidatos excedentes e novos concursos são temas presentes”, afirma o responsável pelo SIC *Fiocruz* e ouvidor geral da Fundação, João Quental.

Quanto aos desafios existentes, Quental aponta

muitas vezes, se perdem nos prazos”. Pela lei, as informações devem ser fornecidas em 20 dias, período no qual o gestor tem a possibilidade de solicitar a prorrogação do prazo por mais dez dias. No caso de descumprimento, o cidadão pode se reportar à Controladoria Geral da União (CGU).

## Classificação das informações

Para o ouvidor, a lei tem um papel pedagógico na melhoria da qualidade dos serviços de informação prestados à sociedade. “A ouvidoria pode oferecer estatísticas com os assuntos mais demandados. Assim, é possível visualizar o que já pode ser disponibilizado como informação pelas unidades, a chamada trans-

parência ativa”, afirma. João Quental acredita que a iniciativa pode se traduzir numa ferramenta de aperfeiçoamento da gestão. “Não bas-

ta que o gestor receba a demanda. É preciso que ele trabalhe os relatórios sistematicamente”, diz. “Alguns problemas são episódicos, outros exigem tratamentos institucionais”, ressalta.

A psicóloga e analista da Ouvidoria, Marcela Vieira, acredita que a Lei representa uma oportunidade para organizar as informações da instituição. “Os dados que não podem ser fornecidos, precisam ser classificados previamente à demanda do cidadão”, lembra.

Nesse sentido, a coordenadora de Informação e Comunicação da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC), Paula Xavier, comunica que uma comissão (Comissão Permanente de Avaliação do Acesso a Informações da Fiocruz - CPAAI), cujo objetivo é detalhar a tipologia da informa-

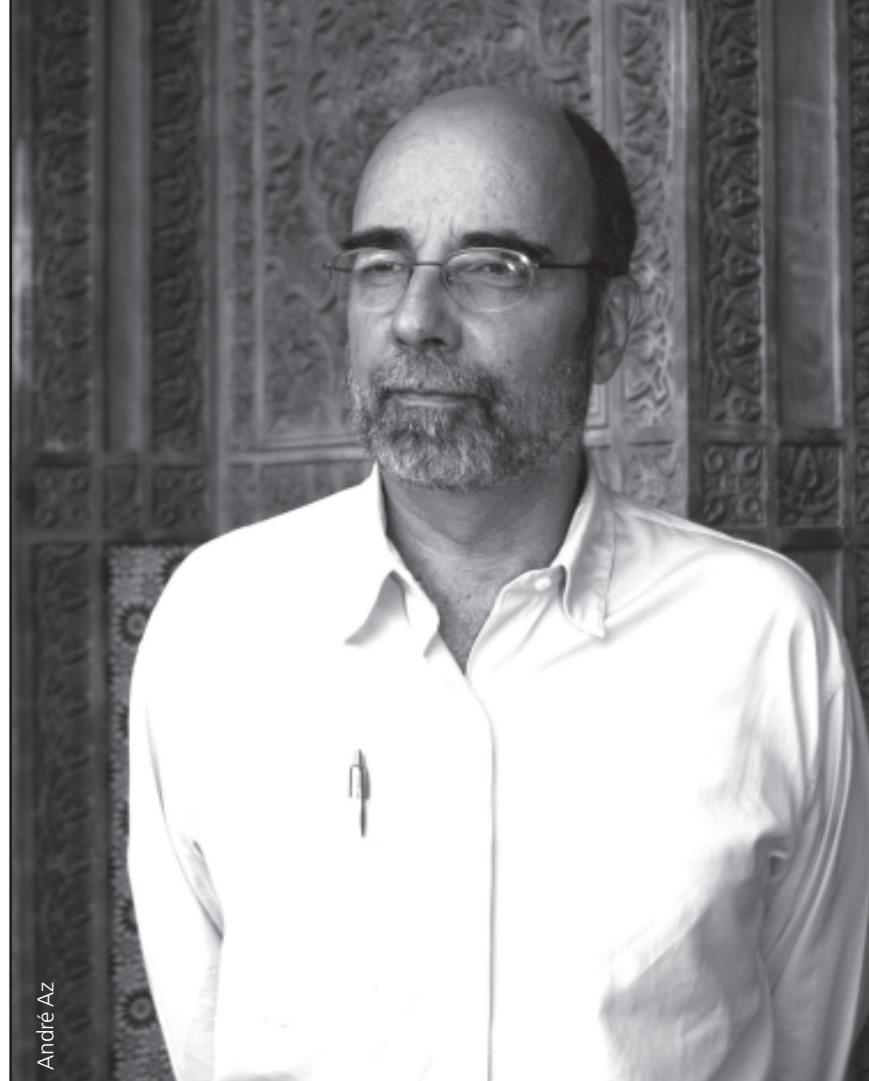


## Acesso à Informação

### Seis meses de Lei de Acesso à Informação na Fiocruz

- De 16 de maio a 12 novembro de 2012 a Fiocruz recebeu 292 mensagens;
- Uma média de 11 solicitações diárias;
- 249 já foram respondidas;
- Destas, 76 foram encaminhadas com atraso;
- O prazo de resposta foi prorrogado em três casos;
- As informações não fornecidas por caráter sigiloso referiam-se à relação entre os nomes de terceirizados e seus cargos e/ou tipos de contratos;
- Concursos públicos foi o tema mais abordado;
- Outros processos seletivos, informações técnicas e protocolos de pesquisa também foram assuntos presentes.

A cartilha com esclarecimentos sobre a lei, criada pela CGU, está disponível na Intranet Fiocruz. Para acessá-la, clique em Governança Institucional, em Câmaras e Comissões, em Informação e Comunicação e, por fim, em Fontes de Informação.



André AZ

“ Não basta que o gestor receba a demanda. É preciso que ele trabalhe os relatórios sistematicamente ”

ta que o gestor receba a demanda. É preciso que ele trabalhe os relatórios sistematicamente”, diz. “Alguns problemas são episódicos, outros exigem tratamentos institucionais”, ressalta.

A psicóloga e analista da Ouvidoria, Marcela Vieira, acredita que a Lei representa uma oportunidade para organizar as informações da instituição. “Os dados que não podem ser fornecidos, precisam ser classificados previamente à demanda do cidadão”, lembra.

Nesse sentido, a coordenadora de Informação e Comunicação da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC), Paula Xavier, comunica que uma comissão (Comissão Permanente de Avaliação do Acesso a Informações da Fiocruz - CPAAI), cujo objetivo é detalhar a tipologia da informa-

ção da Fundação, começa a operar ainda neste ano. O Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (Sigda) também vai auxiliar na tarefa. “Estamos sinalizando a relevância da ampliação do Sigda, que passará a classificar a informação quanto ao sigilo, e não somente quanto à temporalidade, como é feito”, diz.

Por fim, Paula destaca a criação de um Comitê Gestor da Lei. “Inicialmente formamos um grupo para aplicar a legislação e sinalizar os mecanismos de sua sustentabilidade. Como os objetivos foram cumpridos, estamos constituindo um comitê, com representantes das áreas mais demandadas”, diz Paula, informando ainda que os envolvidos são o Sigda, a Ouvidoria, a VPEIC, a Coordenação de Gestão de Tecnologia da Informação (CGTI) e a Coordenação de Gestão Tecnológica (Gestec).



# Babel de sotaques retrata a diversidade cultural na Fiocruz

Representantes de todas as  
regiões do Brasil circulam nas  
unidades da Fiocruz no Rio de Janeiro



Por Eduardo Müller

Você já comeu uma ata, subiu uma lomba ou foi logo ali em dois palitos e voltou? Já ficou virado no molho de coentro ou triatucanado? Já se meteu em um buruçu ou sentou em uma cadeira afolosado? Já pediu um marmite para almoçar?

Não fique surpreso se escutar essas e muitas outras expressões enquanto circula pelas ruas e prédios da Fiocruz. Somente no último concurso público, realizado pela instituição em 2010, 26% dos servidores empossados trocaram seus estados de origem para desempenhar suas funções em alguma das unidades da Fundação em solo carioca.

Levando em conta o número total de servidores no *Campus* de Manguinhos, o percentual total de migrantes atinge os 18%. Minas Gerais é o estado que desponta em primeiro lugar, com 212 servidores, seguido por São Paulo (106) e Rio Grande do Sul (62). Por outro lado, o número de cariocas e fluminenses trabalhando fora do Rio em alguma unidade da Fiocruz representa 7,1% de seus servidores.

“O *campus* central da Fiocruz é um verdadeiro espelho do Brasil, com representantes de todas as regiões. Um caldeirão cultural recheado de boas histórias de vida envolvidas pela excitante sensação de mudança geográfica, de hábitos e também pela saudade, sentimento inerente a todos que deixam memórias e raízes a quilômetros de distância”, afirma o diretor de Recursos Humanos da Fiocruz, Juliano Lima, natural do Rio Grande do Sul.

## Retiro das freiras

A primeira dificuldade encontrada pelos recém-chegados ao Rio de Janeiro é a busca por um local para morar. Os preços altos praticados no mercado e a qualidade muitas vezes precária dos imóveis são um “banho de água fria” para todos que sonhavam em

morar no Rio das novelas de Manoel Carlos.

A criatividade e a internet ajudam a driblar esses obstáculos. Giovanilza Maria Pessoa de Oliveira (44), natural de Pernambuco, conta que ainda não achou sua residência definitiva. Desde que chegou à cidade, em novembro do ano passado, ela aluga um quarto em uma residência de freiras no bairro Humaitá, Zona Sul da capital fluminense. “Já estou quase virando uma freira”, brinca a pernambucana. Gil, como é conhecida pelos amigos e colegas, explica que o local tem suas regras de funcionamento, incluindo horário para chegar: pontualmente à meia-noite. “Se chegar depois vira abóbora”, diverte-se a administradora lotada na Coordenação de Qualidade da Diplan.

A pensão das religiosas serviu de abrigo também para a maranhense Gláucia Barbosa (28), servidora no Setor de Gestão do Trabalho do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos), e para a mineira Renata Vasconcelos Neto (31), do Departamento de Ergonomia do Núcleo de Saúde do Trabalhador (Nust). Gláucia conhecia a cidade apenas como turista e foi por meio de um grupo de relacionamento dos aprovados do último concurso na internet que descobriu o local. “Procurei na lista de aprovados quem estava na posição anterior a minha na classificação. Era Giovanilza, que me indicou a residência para morar”, explica Gláucia - hoje com um endereço definitivo, em Copacabana.

Já a mineira Renata conta que resolveu deixar a residência das freiras por causa da rigidez dos horários. “Uma vez eu tentei sair e não consegui porque o elevador era desligado à noite. Não estava acostumada com esse controle”. Renata aluga um quarto na Tijuca e ainda procura por um local mais adequado.

Outra história curiosa nessa gincana que se tornou a busca de um imóvel na Cidade Maravilhosa é relatada

pelo psicólogo mineiro radicado em São Paulo, Nelson Passagem Vieira (41). Servidor no Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (Ipec), na área de desenvolvimento de pessoal, Passagem não conhecia a cidade e acabou alugando um quarto no Amorim, em Bonsucesso. “Os colegas da Fiocruz ficaram um pouco preocupados, em função da violência no entorno da instituição. De fato eu não tinha noção da dimensão do problema e enfrentava dificuldades porque alguns taxistas se recusavam a passar pela Rua Leopoldo Bulhões, que descobri ser apelidada de Faixa de Gaza”. Passagem é casado há sete anos, tem dois filhos e reside hoje no bairro da Freguesia, na Zona Oeste do Rio.

## Saudade vai dizer ao vento...

Palavra exclusiva da língua portuguesa, a saudade é uma constante no dia-a-dia dos que deixaram para trás amigos, família e lembranças. Telefone, internet e acúmulo de pontos no cartão de milhagem são alternativas para atenuar os efeitos da distância. “Falo com a família todos os dias por telefone. Nem que seja para dar um oi. E faço muitas viagens! Eu estou direto na ponte aérea”, explica Gláucia, que em seu primeiro ano na Fiocruz já foi cinco vezes para o Maranhão.

Giovanilza, que só retornou uma vez para sua cidade, tem uma estratégia própria para driblar a ausência dos sobrinhos deixados em Pernambuco. “Telefone e uso a internet, mas sem a câmera porque ela piora a saudade”.

Nem só a família e os amigos provocam as lembranças dos colegas. Nelson Passagem sente falta dos domingos de futebol. “Não dá mais para ir ao Morumbi ver o São Paulo! Pelo menos eu tive muita paz neste ano, por aqui não tem corintiano!”, brinca lembrando a con-

quista da Libertadores pelo arquirrival alvinegro.

## De mala e cuia

Alexander Rodrigues do Amaral (34) nasceu em Pernambuco, saiu de casa com 18 anos para estudar em São Paulo, depois se estabeleceu em Curitiba e, em novembro de 2011, veio para o Rio nomeado no cargo de assistente técnico. “O Rio sempre foi um sonho para mim. No início, eu tinha o olhar do turista. A Zona Sul como um espaço único. Quando passa a morar, pegar ônibus, ir ao mercado, a gente percebe que a coisa vai muito mais além”, afirma Alexander.

Apesar de ter nascido no nordeste do Brasil, o pernambucano cultiva um hábito típico do Rio Grande do Sul: tomar chimarrão. “Aprendi com amigos gaúchos no Paraná e não consegui mais parar”, conta Alexander, que mantém a cuia, a garrafa térmica e o saco de erva ao lado da sua mesa na Seção de Aposentados e Pensões da Direh.

## Criar raízes na Fiocruz

As diferenças típicas das variadas regiões dos servidores terminam quando o tema é a própria Fiocruz. A unanimidade na aprovação do novo local de trabalho e das possibilidades que podem surgir no decorrer da vida funcional é recorrente nos discursos, independente do sotaque. “Não sabia como era a vida pública civil, era tudo novo. As coisas que eu achava que seriam melhores foram muito melhores: o clima organizacional, as pessoas, as oportunidades da Fiocruz, o apoio das chefias para capacitação e engrandecimento da carreira. Tudo é muito claro. Jogamos o jogo e sabemos as regras”, afirma Alexander.

A mineira Renata segue no mesmo tom. “Quero criar raízes aqui. A Fiocruz é o lugar que eu trabalho e gosto, que me deu estabilidade e tentarei desenvolver bons trabalhos. Eu sei que terei essas oportunidades”.

## Dicionário regional

**Aprenda a se comunicar com os migrantes da Fiocruz**

O jornal Linha Direta organizou um minidicionário com alguns verbetes utilizados em diversos estados brasileiros. Confira e saia praticando:

### Pernambuquês

**Afolosado:** quando se está folgado  
**Buruçu:** confusão  
**Galalau:** pessoa alta  
**Virado no molho de coentro:** está bravo, furioso, injuriado

### Maranhês

**Ata:** fruta do conde  
**Juçara:** açai  
**Pequeno:** garoto, menino, rapaz  
**Tanja:** mixirica, tangerina

### Gauchês

**Atucanar:** incomodar  
**Guisado:** carne moída  
**Lomba:** ladeira  
**Pechada:** acidente de trânsito

### Mineirês

**Trem:** casa, rio, carro, bola, relógio, muro, morro, ônibus, estrada, lagoa, igreja, bolsa, som, prato, negócio, coisa, etc  
**Bolacha:** biscoito  
**Tázoraê:** que horas são?

### Paulistês

**Da hora:** legal, maneiro  
**Truta:** amigo, camarada  
**Dois palitos:** rapidinho



# Fiocruz consolida mais um Ciclo de Autoavaliação Continuada da Gestão

Por Daniela Savaget

Integração é a palavra que caracteriza os avanços do Sistema de Gestão da Qualidade Fiocruz em 2012. “No critério um, que foca nas lideranças, observamos um esforço para efetivar o inter-relacionamento das práticas e a cooperação entre as áreas, presente em iniciativas como a qualificação dos analistas de gestão da instituição. A ação proporcionou o contato direto entre novos funcionários e lideranças dos processos finalísticos da gestão”, afirma a coordenadora da Qualidade da Fiocruz e responsável pela Secretaria Executiva do Comitê Gestor da Qualidade e do Comitê do Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização (GesPública) Fiocruz, Mirian Cohen, citando os progressos feitos. “No critério três, que foca nos cidadãos, a instituição do Conselho Superior da Fiocruz, com representantes da sociedade, também foi um ponto forte”, avalia.

Em seu quinto ciclo (2012-2013), a Autoavaliação Continuada da Gestão consolida uma trajetória de análise e reflexão sistêmica dos pontos fortes e oportunidades de melhorias dos aspectos gerenciais da instituição, a partir de um modelo preconizado pelo GesPública, programa do MPOG. Outras conquistas de 2012, destacadas por Mirian, são: a segunda edição da Carta de Serviços ao Cidadão e a Pesquisa de



Peter Illiciev

Satisfação e de Imagem da Fiocruz com os Gestores do Sistema Único de Saúde (SUS) 2012.

As iniciativas também integram o terceiro critério da autoavaliação. Ao todo, oito critérios compõem a ação. São eles: liderança; estratégias e planos; cidadãos; sociedade; informações e conhecimento; pessoas; e processos e resultados.

## Foco no cidadão

Em sua segunda edição, a Pesquisa de Satisfação e de Imagem da Fiocruz com os Gestores do SUS ouviu 600 secretários estaduais e municipais de saúde em todo o Brasil. “Em diferentes discussões, constatamos que esse é o principal segmento de cidadão usuário da

Fundação”, diz Mirian. “A maior parte dos nossos produtos, das nossas entregas no campo da pesquisa, do ensino, da produção e da assistência chega primeiro aos gestores do SUS e, a partir deles, é que se espalha para o conjunto da população”, completa.

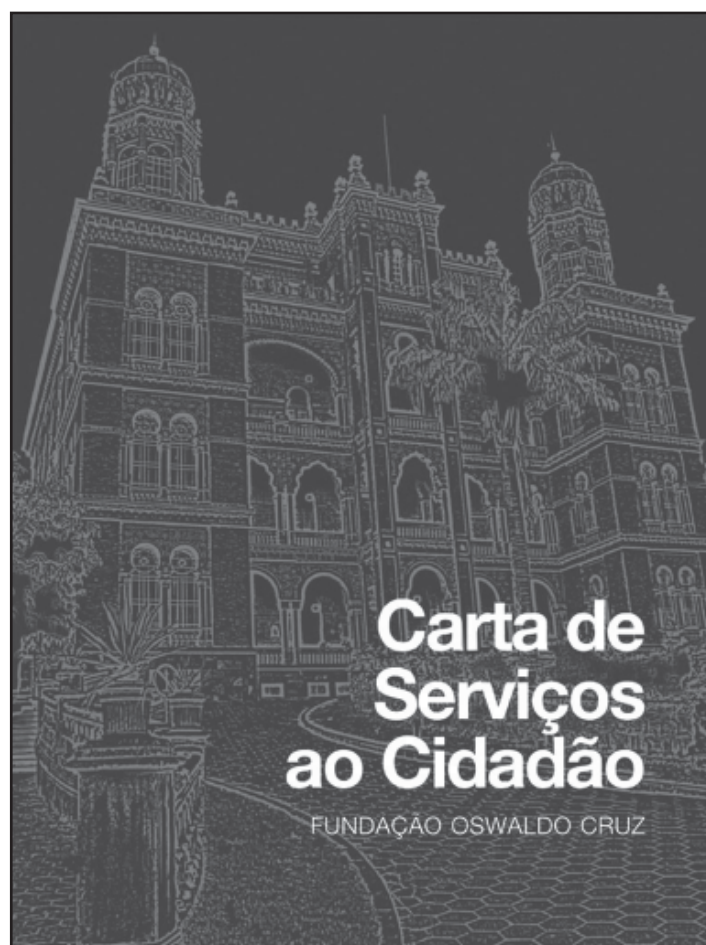
Dados da pesquisa revelam que 1% dos entrevistados não conhece a Fiocruz. No levantamento realizado em 2010 a porcentagem era de 3%. Apesar do avanço significativo, a iniciativa aponta que muitos gestores não têm ideia de todos os campos de atuação da instituição.

Ainda segundo o estudo, tais gestores encontram-se, essencialmente, em municípios pequenos do interior do país. O dado reforça a importância do investimento na integração não só dos trabalhadores da Fiocruz, como também da instituição com os seus usuários. “Esse é um compromisso que a comunidade Fiocruz deve assumir: ao fazermos as nossas entregas de produtos, devemos pensar e trabalhar suas apresentações”, ressalta Mirian.

Para facilitar o acesso aos serviços da instituição, foi publicada a segunda edição da Carta de Serviços ao Cidadão,

que expressa os principais compromissos da Fiocruz no atendimento aos seus diversos públicos. A divulgação do instrumento, proposto pelo GesPública, fez parte do 2º Encontro de Gestão da Qualidade e Cultura da Excelência na Fiocruz, que aconteceu no dia 6 de dezembro. Na ocasião, a Fundação recebeu o certificado de nível sete de gestão do GesPública.

Para o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, a certificação marca o compromisso da instituição com a ampliação e manutenção de suas práticas. “É sempre importante refletir sobre o significado das nossas ações e sobre como elas chegam ou podem chegar ao cidadão com segurança, eficácia e, ainda, com a capacidade de se submeterem à crítica”, disse. Gadelha recebeu o certificado das mãos do representante do Núcleo de GesPública no Rio de Janeiro, Luiz Bergamini, que lembrou que a Fundação alcançou o nível sete numa certificação de gestão que varia entre um e nove. “O certificado também traduz o avanço da Fiocruz desde a última avaliação, quando atingiu o nível seis”, ressaltou Bergamini.



Os documentos e as normas referentes ao Sistema de Gestão da Qualidade Fiocruz podem ser encontrados na área reservada da Qualidade na Intranet Fiocruz. Para acessá-la, envie um e-mail com a solicitação para [cqualifiocruz@fiocruz.br](mailto:cqualifiocruz@fiocruz.br).



# EPSJV é destaque em *ranking* do Enem

Por Leonardo Azevedo

Os alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) tiveram a maior pontuação entre as escolas públicas do estado do Rio de Janeiro na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2011, segundo *ranking* divulgado em novembro pelo Ministério da Educação. Com 728 pontos, a escola ficou acima da média dos estudantes fluminenses – o estado tirou a melhor nota do país. Já no *ranking* das 20 melhores escolas públicas do estado – que leva em consideração apenas as provas de ciências humanas, ciências da natureza, matemática, linguagens e códigos – a EPSJV ocupa a quinta colocação.

“O bom desempenho dos

alunos da Escola Politécnica no Enem, em particular nas redações, é resultado de um processo de formação que desenvolve a autonomia e a capacidade para refletir criticamente”, afirma o vice-diretor de Ensino e Informação da EPSJV, Marco Antônio Santos. Para ele, a inclusão de uma monografia como trabalho final nos cursos técnicos integrados de nível médio em saúde coloca os alunos da escola diante do desafio de formular com clareza os textos, resultado de suas pesquisas e reflexões.

Segundo Marco Antônio, o objetivo da escola é formar técnicos em saúde capazes de refletir sobre o seu processo de trabalho, orientados pela visão ampliada de saúde. “Mesmo sem a perspectiva de preparar especificamente os alunos para



Felipe Gomes

o exame, o nosso projeto pedagógico proporciona uma formação integral que possibilita, além da inserção na vida profissional, boas condições de prosseguimento de estudos e acesso à universidade”, afirmou.

Além de medir a qualidade do ensino médio, o Enem

também é utilizado como critério para participar do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), programa do governo para ingresso em universidades federais, e do Programa Universidade para Todos (ProUni), que dá bolsas em instituições particulares.

Atualmente a escola tem

259 estudantes matriculados no ensino médio. Os alunos contam com educação em tempo integral, laboratórios com aulas práticas, como o de análise clínicas e de informática, e professores qualificados (30% com doutorado e 50% com mestrado).

## Sistema de Planejamento da Fiocruz prepara programação para 2013

participantes durante o encontro de elaboração do PDTI



Peter Illiciev

Por Gustavo Carvalho e Leonardo Azevedo

Profissionais de mais de 20 unidades estiveram reunidos no Fórum do Planejamento, realizado na EPSJV. Até fevereiro, a Fiocruz estará envolvida com a programação física e orçamentária para 2013, que tem como uma de suas prioridades o aperfeiçoamento do seu registro no Sistema de Apoio à Gestão Estratégica (Sage).

Para a diretora da Diretoria de Planejamento Estratégico (Diplan), Roseli Monteiro, sem qualidade, a informação inserida no sistema não tem utilidade para a análise estratégica do planejamento institucional. “A Diplan tem estimulado um mai-

or rigor conceitual e metodológico para garantir essa qualidade, que é essencial para o alinhamento estratégico e para o monitoramento e avaliação do desempenho institucional”, disse Roseli.

O chefe de gabinete e responsável pelo núcleo de planejamento da Fiocruz Amazonas, Aldemir Maquiné, lembrou que o sistema atinge as subunidades, utilizando a plataforma web, o que facilita o trabalho das regionais. “O desafio para 2013 é a integração do Sage a outras ferramentas de gestão do governo e das próprias unidades”, ressaltou Maquiné. As informações sobre as atualizações no Sage podem ser conferidas na nova versão do Manual do Usuário, disponível na área da Diplan na Intranet Fiocruz.

Outro evento importante na área ocorreu em novembro na Ensp. O Encontro de Elaboração do Plano Diretor de Tecnologia da Informação (PDTI) 2013-2014 reuniu profissionais de planejamento e

da área de Tecnologia da Informação (TI) das unidades da Fundação. O evento discutiu a importância do alinhamento da TI por meio do planejamento estratégico, o modelo de elaboração do PDTI, a utilização do Sage e as aquisições de bens e serviços.

Para Roseli, é essencial discutir um formato de elaboração do Plano no contexto do processo de planejamento institucional, atendendo, assim, as demandas governamentais. Já o coordenador da Gestão de Tecnologia da Informação, Álvaro Funcia, enfatizou a importância do planejamento para assegurar a sustentabilidade e manutenção do padrão tecnológico da Instituição.

Os participantes também conheceram os projetos da Coordenação de Gestão em Tecnologia da Informação (CGTI) nas áreas de suporte, infraestrutura em TI, sistemas de informação, segurança da informação e garantia da qualidade em TI.





Magdalena Oliveira

Inicialmente, o método será praticado pela mãe e pelo pai, mas existe a possibilidade de estender também aos avós e outros membros da família, criando um novo conceito de Família-Canguru. “O tripé do método é o amor, o calor e a amamentação, é poder oferecer à mãe a oportunidade de estar na unidade hospitalar próximo ao seu filho”, ressalta a assistente social da Unidade Canguru, Helenice Mello.

As primeiras mães que praticaram o método nas novas instalações do IFF ficaram encantadas por mais esse trabalho oferecido à sociedade. “A contribuição é poder ficar mais perto das minhas filhas, ter um contato maior e poder passar mais amor e carinho. Esse contato físico é muito gra-

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)  
Departamento de Neonatologia

## Família Canguru

**Amor**  
**Calor**  
**Aleitamento**



Movimento de Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

IFF  
INSTITUTO NACIONAL  
FERNANDES FIGUEIRA

## Iniciativas que merecem aplausos

Por Suely Amarante

O Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) inaugurou, no mês de outubro, sua Unidade Canguru, com quatro leitos. Nesse espaço, o bebê e sua família são assistidos por uma equipe multidisciplinar que baseia suas práticas na realização do Método Canguru. A iniciativa visa humanizar os cuidados prestados a recém-nascidos de baixo peso e fortalecer o vínculo mãe-filho.

Participaram da inauguração da Unidade Canguru a equipe da Neonatologia, o diretor do IFF, Carlos Maciel, e o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha. “É muito interessante ver de perto as experiências e os novos modelos de atenção à saúde que vocês empregam na rotina da assistência. Os protocolos, a humanização e o cuidado, isso tudo vocês realizam com muita competência e profissionalismo”, declarou Gadelha.

A Unidade Canguru proporciona uma série de fatores benéficos à mãe e ao bebê, entre eles o fortalecimento da humanização e do aleitamento materno. “Quando falamos em Rede Cegonha, somos a unidade da Fiocruz de referência para o Ministério da Saúde, e a Unidade Canguru vem para fortalecer ainda mais esse título de excelência”, ressaltou Maciel.

“O nosso objetivo é transferir o recém-nascido da Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN) ou da Unidade Intermediária (UI) para a Unidade Canguru no momento adequado, de acordo com critérios estabelecidos pela equipe, para permitir a participação da mãe e do pai no processo de recuperação da criança, valorizando a humanização e promovendo a orientação necessária após a alta do bebê”, explica o coordenador do Serviço de Neonatologia do IFF, João Henrique Leme.

### Método Canguru

Iniciativa do Ministério da Saúde realizada em várias cidades brasileiras, o Método Canguru nasceu com base no modelo colombiano idealizado em 1979, no Instituto Materno Infantil de Bogotá. O método possui três etapas. Na primeira, realiza-se o atendimento individualizado ao bebê e sua família. É nesta fase, ainda, que o contato pele a pele entre a mãe e o bebê é promovido (posição canguru). Vestindo apenas uma fralda, a criança é colocada no peito da mãe em posição vertical, firmada com uma faixa imitando a bolsa do animal.

Já na segunda etapa, o bebê fica alojado com a mãe em uma enfermaria. Por fim, na terceira etapa, o recém-nascido vai para casa, mas continua acompanhado pela equipe hospitalar.

Para conhecer os resultados alcançados pelo país de origem da iniciativa, uma equipe multidisciplinar do IFF

realizou uma visita técnica à Colômbia. “Nossa missão como instituto nacional é normatizar, rever protocolos e técnicas que estão sendo utilizadas em outras unidades assistenciais e implantá-las no IFF com olhar próprio”, enfatiza João Henrique.

tificante”, diz a dona de casa Simone Alves dos Santos, mãe das gêmeas Carolina e Alice. “A experiência é o fortalecimento do vínculo, contato pele a pele, conhecer o bebê e poder dar a ele muito carinho e amor”, conclui a enfermeira e mãe Natália Cunha Azevedo.